



**Beyond Paradise and Power: Europe, America, and the Future of a Troubled Partnership**  
Tod Lindberg (ed.)

Routledge, 2004, 256 pp.

ISBN: 0-41-595051-1/978-0-41-595051-0

### Fim da Ilusão

Os americanos são de Marte e os Europeus são de Vénus, eis a célebre tese com que R. Kagan descreveu a crise transatlântica. Uma tese, dois argumentos: (1) O Poder determina as *acções* dos Estados, isto é, as grandes potências (EUA) tendem a usar a força, enquanto que os poderes mais fracos (Europa) favorecem o multilateralismo. (2) Americanos e europeus desenvolveram diferentes *visões* normativas. Os Europeus vivem num paraíso pós-histórico, logo, o uso da força tende a ser visto como ilegítimo. Os americanos, ao invés, permanecem no mundo do poder hobbesiano, logo, consideram o uso da força como uma *acção* legítima. Tendo como ponto de partida a tese de Kagan, Tod Lindberg (editor da *Policy Review*) reuniu um conjunto de artigos da autoria de pensadores americanos e europeus. Resultado: a tese de Kagan é superiormente aperfeiçoada. Do conjunto de artigos, destacamos “The End of Atlanticism”, de Ivo Daalder, e “American Endurance”, de Walter Russell Mead.

Ivo Daalder (Brookings Institution) afirma que vivemos o «fim do Atlantismo». Não se trata de um desejo ideológico, mas de uma análise à estrutura de poder do sistema internacional. Durante a Guerra Fria, a política externa americana esteve centrada no Atlântico. A Europa foi o palco, por excelência, do braço de ferro entre EUA e URSS. Com o fim da URSS, esta centralidade estratégica da Europa e do Atlântico desapa-

receu. Por outro lado, o crescimento das potências asiáticas exigiria, *per se*, o fim da centralidade atlântica em Washington. Esta questão ligada ao Poder é o pano de fundo da crise atlântica. Quando tomámos consciência desta mudança ao nível das placas tectónicas do sistema, qualquer discussão sobre as supostas clivagens de valores entre americanos e europeus torna-se, no mínimo, secundária. É de Poder que falamos.

Walter Russell Mead (Council on Foreign Relations) salienta um facto pouco discutido: o século XX é, em grande medida, o século do declínio europeu. Desde 1914, um dos processos mais significativos e constantes do sistema internacional tem sido o declínio absoluto e relativo da Europa. Esse declínio consumou-se na auto-implosão europeia que ficou conhecida por II Guerra Mundial. Todavia, depois de 1945, a Europa continuou no centro da política mundial. Não como *actor* mas como *cenário*. Dado que a Guerra Fria se decidia na Europa, os americanos garantiam um tratamento especial aos seus aliados europeus; procuraram sempre adoptar as suas decisões às opiniões europeias (sobretudo alemãs). Por outras palavras, o declínio efectivo da Europa foi disfarçado pela centralidade europeia na estratégia americana. Uma centralidade artificial. Os europeus continuaram a perceber o mundo como se ainda estivessem no centro (activo) do sistema; desenvolveram uma *percepção* errada da *realidade* internacional. Ou seja, inflacionaram a sua real importância. Mais: habituaram-se a medir o seu poder não pela sua capacidade efectiva mas pela sua influência em Washington.

Quando correlacionamos as análises de Daalder e Mead, percebemos que a tese de Kagan necessita de um aperfeiçoamento. O primeiro argumento de Kagan consagra a importância da distribuição do Poder (super potência americana *vs.* mundo pós-histórico europeu) como causa da crise atlântica. Certo. Mas isso é uma evidência desde 1945. O segundo argumento de Kagan aponta a divergência ideológica (Hobbes/ /Marte *vs.* Kant/Vénus) como raiz do problema. Certo. Mas isso também não é novidade. Portanto, Kagan - tal como a maioria dos analistas - nunca responde à questão essencial: por que razão a maior crise atlântica ocorreu após o 11 de Setembro? Com os contributos de Daalder e Mead podemos dar uma resposta; a saber: todas as movimentações americanas desde 2001 lembraram à Europa que já não é o centro do mundo, isto é, a centralidade ilusória da Guerra Fria foi desfeita após 60 anos de ilusão.

O mundo mudou desde 1989/91. Outras potências emergiram. Novos perigos nasceram em 2001. Mas, como salienta Mead, a Europa continuou a desprezar este novo mundo porque a sua percepção estratégica apenas contempla a América. A crise atlân-

tica pós-11 de Setembro não foi causada por um embate *ideológico* (que sempre existiu), mas sim por um choque de *percepções* da realidade. O sistema mudou de natureza. Os EUA perceberam esse novo sistema e lançaram acções que visavam (e visam) a reordenação da Ordem Internacional. A Europa, ao invés, não percebeu este novo mundo, pois apenas está afinada para perceber os EUA (o mundo, para a visão estratégica europeia, resume-se ao Atlântico). Resultado: a Europa critica a nova política externa americana mas nunca observa a realidade que está a montante dessa nova política de Washington. Há aqui um paradoxo. A Europa critica um *efeito* (nova política americana) mas nunca se questiona sobre a *causa* (novo sistema internacional pós-Guerra Fria). Porquê? Porque a Europa é a grande beneficiária (e defensora) do *status quo* da Guerra Fria; um *status quo* que lhe garantia o melhor dos dois mundos, isto é, a Europa usufruía, no seu seio, de um mundo kantiano, mas, devido ao acesso privilegiado a Washington, ainda detinha uma forte palavra a dizer no mundo do Poder hobbesiano. Entre 1945-1989/2001 (a Guerra Fria acabou mesmo duas vezes na Europa), os europeus estiveram entre o céu kantiano e a terra hobbesiana, numa espécie de quadratura do círculo estratégica. Este paraíso terminou. Durante a crise iraquiana, Washington tratou a Europa não como o velho aliado privilegiado mas como um aliado normal. A Europa, no mundo pós-Guerra Fria e pós-11 de Setembro, já não é “o” aliado mas “um” aliado. O mundo deixou de ser um condomínio de europeus e americanos. Daí a crise, daí o anti-americanismo em dose industrial, daí as acusações de imperialismo/unilateralismo americano, visto que «a loss of influence in Washington was not only disconcerting in itself; it had the effect of underlining the Europe’s powerlessness in the world as a whole» (W. R. Mead, p. 169). É o fim da ilusão. É o despertar para o mundo pós-europeu.

Henrique Raposo